



ARTIGOS
TÉCNICOS

JUSTAPOSIÇÃO E SOBREPOSIÇÃO DE SAFRAS DE CEBOLA

Waldemar Pires de Camargo Filho

A produção brasileira de cebola sempre visou apenas o abastecimento interno do País. Assim, a importação quando realizada tem a intenção de cobrir a queda de volume ofertado, devido à ocorrência de acidentes climáticos ou fitopatológicos internos que comprometem uma safra determinada e, por conseguinte, o abastecimento. Apesar da intenção com que é feita, a importação tem sempre a função de somar quantidades, causando excedentes no abastecimento e, ao invés de solucionar o problema, causa outro.

Para suprir as necessidades de sua população, o Brasil cultiva dois grupos de cultivares de cebola, assegurando a produção quase durante o ano todo. As sementes nacionais do grupo das baías piriformes originam a maior safra nos Estados do Sul e Sudeste e as sementes importadas do grupo das claras precoces asseguram a produção na entressafra.

A década de 60 serviu para firmar as regiões produtoras e dar um embalo para o seu desempenho na década de 70. No início dos anos setenta, a produção brasileira de cebola contava com as mesmas safras e com as mesmas regiões produtoras de hoje, porém os cultivares e o volume diferiram no tempo.

De maneira geral, o Rio Grande do Sul produzia as baías piriformes e as tardias para suprir grande parte da demanda nacional, enquanto Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais auxiliavam no abastecimento regional somente com as primeiras. Dessa forma, a população se abastecia nesta maior safra com bulbos recém-colhidos, havendo um excedente estocável até meados do ano, quando a pequena safra de soqueira fornecia o produto, porém, com preço crescente de dezembro a julho. Portanto, de novembro a julho, as diversas safras em diferentes regiões de cultivo de baías piriformes supriam o mercado.

As baías piriformes necessitam de um mínimo de horas-luz e temperatura adequada para que se inicie e desenvolva a bulbificação. Para a entressafra, não era possível a produção desta cebola, visto que os dias diminuem de comprimento no decorrer do ano até junho e a temperatura cai. Assim, necessitava-se de uma produção com cultivares pouco exigentes a fotoperiodismo e temperatura, e recorreu-se à importação de sementes de cebola do grupo claras precoces, sendo a Amarela-Chata das Canárias, "Texas Early Grano" e "Excel", os cultivares que eram semeados nas regiões do submédio São Francisco, São José do Rio Pardo e Monte Alto para a produção da entressafra.

A área cultivada e a produtividade de cebolas claras precoces, produzidas predominantemente no Nordeste do Brasil e em São Paulo, vinham aumentando, fazendo com que o incremento na produção fosse maior que o crescimento da população. Esse aumento, no primeiro quinquênio de 70, foi absorvido pela população, tendo em vista a época de expansão da economia. Porém, no final do segundo quinquênio dos anos setenta houve explosão de cultivo e o rendimento obtido pelos produtores também melhorou consideravelmente. Alguns fatores foram marcantes para este salto na produtividade. Dentre eles destacam-se: a tecnologia de produção que se modernizou, ou seja, além do uso mais intenso da irrigação, também se fazia melhor controle de pragas e doenças; e a maior aplicação de insumos (notadamente fertilizantes). Pelo lado dos cultivares utilizados, a Chata das Canárias e "Excel" tiveram diminuídas seu uso, cedendo espaço para a "Texas", que é mais precoce e para os híbridos "Granex", mais produtivos e de melhor colocação no mercado.

Com estas variedades, a expansão do cultivo de claras precoces nas regiões citadas foi bastante ampla, fazendo com que a oferta predominante destes bulbos, que ocorria em agosto e setembro, se antecipasse para julho. Como se verificava simultaneamente o aumento da produção de bulbinhos (soqueira), os preços nos meses de maio a dezembro mantiveram-se em declínio no período 1975-79. Portanto, o incremento da produção de claras precoces teve como estimuladores, além dos preços atraentes de julho, o melhor domínio da tecnologia de produção que permitia maiores produtividades em dada área e a custo relativo baixo. Esta safra de cebolas claras precoces, cuja semente é importada, tem como grandes centros produtores: Pernambuco, Bahia e São Paulo (São José do Rio Pardo e Monte Alto) que, de modo geral, abastecem o mercado nacional de julho a outubro.

No Estado de São Paulo, na região de Piedade, a cultura de soqueira também se expandiu tendo em vista a época de entrada no mercado que era de preços estáveis e firmes. Apesar do alto custo de produção, este cultivo assegurava renda ao produtor e evitava a subida de preços ao consumidor nos meses críticos de maio, junho e julho. Este cultivo experimentou considerável melhoria na sua tecnologia de produção, utilizando bulbinhos pré-cultivados para esta finalidade com altos investimentos e aplicação intensa de insumos. De certo modo, esta cultura veio concorrer com o cultivo das cebolas tardias do Rio Grande do Sul.

Ao lado das transformações ocorridas na produção de claras precoces, o grupo de cultivares das baías piriformes também tiveram a sua expansão e justaposição.

Na década de 60 e início dos anos 70 o abastecimento do País com cebolas baías piriformes iniciava-se em novembro com a produção do Sudeste. Em dezembro e janeiro ocorriam as produções do Sul e, também, os menores preços do ano. Desta forma, de fevereiro até meados de abril, as baías piriformes de precocidade média mantinham-se em estoques para fornecimento de bulbos à população brasileira. O abastecimento de final

de abril a junho era realizado com bulbos de variedades tardias cultivadas no Rio Grande do Sul e que tinham melhores condições de armazenamento. Este Estado, que sempre foi o maior produtor de cebola do País, não teve expansão da área cultivada e nem da produtividade, além do que os cultivos de cebolas tardias diminuíram consideravelmente. Esta ocorrência deixou espaço para que Santa Catarina se firmasse na produção de cebolas baías piriformes, expandindo sua área e produtividade, angariando maiores fatias do mercado de dezembro a abril e concorrendo com os bulbos gaúchos.

Contribuíram para a expansão da cebolicultura em Santa Catarina os preços crescentes nos inícios de ano que possibilitaram maior poder de barganha aos produtores, devido ao costumeiro armazenamento realizado. Agiram também como fatores que apoiaram a expansão do cultivo, a melhoria na tecnologia de produção e as condições sócio-econômicas favoráveis do catarinense na região de produção de cebola.

No final dos anos 70, o Rio Grande do Sul produzia poucos bulbos tardios, não participando praticamente do mercado de maio, junho e julho. No período 1975-79, a região Sul do País (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) fornecia cebola à população de dezembro a abril, ocasião em que havia estímulo de preços, já que em abril ocorriam os piques de preços do ano.

Resumindo, no período 1970-79 a cebolicultura no Brasil desenvolveu-se a taxas de crescimento anuais elevadas. Até meados da década de 70 cresceu acompanhando o aumento da quantidade demandada. Porém, no quinquênio final, a produção de bulbos teve maior impulso, acabando por obter grande volume ofertado pós 1978 e excedentes absorvidos com dificuldades pelo mercado, resultando em prejuízos aos produtores.

O Estado de São Paulo expandiu o cultivo de baías piriformes na Divisão Regional Agrícola de Sorocaba, cuja região ceboleira situa-se na Serra do Paranapiacaba, desde Piedade até Itararé. Todavia, os incrementos de produção tiveram como pólo a região de Piedade com dois cultivos anuais, sendo um deles a produção de cebola baía piriforme através do transplântio de mudas, que se utiliza de cultivares mais precoces que aqueles do Sul, com sua colheita ocorrendo em outubro e novembro, isto é, antes dos preços baixos de dezembro e janeiro. O segundo cultivo, em ordem de volume, iniciou-se através do transplântio de bulbos pequenos para a obtenção de cebola comercial na entressafra denominando-se cultivo de soqueira. Embora o seu custo de produção fosse alto, assegurava a expansão dos dois cultivos citados melhorando a "resistência" do produtor aos preços baixos porque ele tinha duas safras no ano.

Houve um grande salto nos preços em meados de 1978, devido à quebra de produção no Rio Grande do Sul. Em seguida, houve a alta momentânea de final de julho, em virtude da ocorrência de doença (cachorro-quenté), tendo como agente etiológico o fungo *Colletotrichum circinans* (Berck Vogl), que diminuiu o volume ofertado. Com estes estímulos de pre

ços, aliados ao melhor domínio da tecnologia de produção de cebola, o País experimentou uma expansão muito grande no cultivo de baías piriformes e claras precoces. Porém, ao aumento descomunal da produção, veio se somar a retração de consumo em virtude das dificuldades econômicas que atravessa a população, ocasionando um excesso de produção em todas regiões de cultivos do Brasil.

Assim, após mais de um ano de preços baixos (agosto de 1980 a agosto de 1981) as perspectivas são de que somente no início de 1982 o mercado se restabelecerá completamente, considerando o volume de semeadura realizado em 1981 e desempenho da cultura em 1980. Portanto, é necessário maior diversificação de culturas na região de produção de cebola, além de cuidados especiais para que o custo de produção não seja alto. Estas são algumas das medidas que deveriam ser tomadas pelos produtores de cebolas para minimizar prejuízos e resistir à crise da cebolicultura no Brasil.